

# Zoonímia em Libras: dados do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre

## Zoonymy in Brazilian Sign Language (Libras): Data from the Rio Branco Inventory of Libras

Alexandre Melo de Sousa \*

**RESUMO:** A Zoonímia é a subárea da Onomástica que estuda os nomes próprios de animais. Neste artigo, analisamos os nomes de animais de estimação de sujeitos surdos participantes do Inventário de Libras da região de Rio Branco (AC). Os dados são estudados a partir das motivações semântico-motivacionais, tomando como base a proposta de Sousa (2023, 2024a), que elaborou três classificações taxonômicas para o estudo zoonímico: zooanatônicos (para os nomes motivados por características físicas dos animais), zooetológicos (para os nomes motivados por características comportamentais ou temperamentais dos animais), e zooextrínsecos (para os nomes motivados por fatores externos aos animais). O Inventário de Libras de Rio Branco constitui um corpus formado por 32 entrevistas com surdos naturais do Acre, somando, aproximadamente, 100 horas de gravações em vídeos. A fundamentação teórica se apoia em Sousa e Dargel (2017), Quadros e Sousa (2021) e Sousa (2022, 2023, 2024a). Os resultados apontam que o aspecto zooanatônico foi preponderante em relação aos demais, com 73,3% dos casos. Em seguida, o aspecto zooetológico apareceu com 15,6% e o aspecto zooextrínseco com 6,7% dos casos. O estudo apontou alguns casos com motivações semânticas associadas, desse modo, ocorreu a necessidade de criar a categoria aspecto híbrido, que somou 4,4% das ocorrências. Como Demonstraram outros estudos anomásticos em Libras, as características visuais têm sido marcantes no processo de nomeação própria de pessoas, de lugares e, no caso deste estudo, de animais de estimação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Onomástica. Zoonímia. Libras. Inventário de Libras. Acre.

**ABSTRACT:** Zoonymy is the subfield of Onomastics that studies the proper names of animals. In this article, we analyzed the names of pets of deaf subjects participating in the Libras Inventory in the region of Rio Branco (AC). The data are studied based on semantic-motivational motivations, based on the proposal of Sousa (2023, 2024a), who elaborated three taxonomic classifications for zoonymic study: zooanatomical (for names motivated by physical characteristics of animals), zooethological (for names motivated by behavioral or temperamental characteristics of animals), and zooextrinsic (for names motivated by factors external to animals). The Rio Branco Libras Inventory is a corpus of 32 interviews with deaf people from Acre, totaling approximately 100 hours of video recordings. The theoretical foundation is based on Sousa and Dargel (2017), Quadros and Sousa (2021) and Sousa (2022, 2023, 2024a). The results indicate that the zooanatomical aspect was preponderant in relation

\* Doutor em Linguística. Universidade Federal de Alagoas. [alexandre.sousa@fale.ufal.b](mailto:alexandre.sousa@fale.ufal.b).

to the others, with 73.3% of the cases. Next, the zooethological aspect appeared with 15.6% and the zooextrinsic aspect with 6.7% of the cases. The study pointed out some cases with associated semantic motivations, Thus, there was a need to create the hybrid aspect category, which accounted for 4.4% of the occurrences. As other anomastic studies in Libras have shown, visual characteristics have been remarkable in the process of naming people, places and, in the case of this study, pets.

**KEYWORDS:** Onomastics. Zoonymy. Libras. Libras Inventory. Acre.

## 1 Introdução

Nomear as coisas e ações constitui uma das necessidades humanas que interfere no próprio processo de interação no mundo. Nomear também é um processo referencial, uma vez que nos localizamos, nos identificamos, e nos comunicamos a partir de nomes que são atribuídos e passam a ser marcadores como pessoas individualizadas (nomes próprios de pessoas), locais identificados geograficamente (nomes de espaços geográficos), animais singularizados de forma afetiva (nomes de animais de estimação) entre outros. Trata-se de nomes próprios que individualizam pessoas, lugares, animais, estabelecimentos comerciais, fenômenos da natureza, operações policiais, e que são estudados pela Onomástica.

Neste artigo, temos por objetivo analisar sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) que são atribuídos a animais de estimação por surdos naturais de Rio Branco, capital do estado do Acre, localizado no Norte do Brasil. Os dados são retirados do Projeto *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre* – pesquisa que constitui uma replicação do projeto matriz – Inventário Nacional de Libras (este último em estabelecimento na Universidade Federal de Santa Catarina, que tem variantes nas cidades de Maceió, Palmas, Fortaleza e Rio de Janeiro).

As análises tomarão como base os aspectos semântico-motivacionais que influenciaram os surdos a atribuir os sinais próprios aos seus animais. Os aspectos motivacionais serão classificados a partir da proposta de Sousa (2023, 2024a), com atenção às explicações dos participantes da pesquisa para as escolhas dos sinais próprios de seus respectivos animais. Em estudo anterior, Sousa (2022, 2024a) já

assinalava que os animais recebiam sinais individuais em Libras motivados por características físicas, por características comportamentais e/ou por empréstimo da língua oral. Contudo, a proposta foi amadurecida em Sousa (2024b) e o autor apresentou proposta taxonômica mais detalhada e sedimentada em entrevistas com surdos de Rio Branco (AC) e Campinas (SP) (Sousa, 2024b).

A seguir, discutiremos a questão da Onomástica em Libras, com foco na Zoonímia. Em seguida, trataremos do *Inventário de Libras de Rio Branco*, de modo a detalhar o processo metodológico do projeto. Por fim, procederemos à análise dos dados para, em seguida, tecer considerações finais.

## 2 Onomástica em Libras

Sousa e Dargel (2020) explicam que a Onomástica é a área linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios (em geral) de forma interdisciplinar. Tomando como ponto de partida a perspectiva linguística, o nome próprio torna-se revelador das visões de mundo de um grupo humano a partir das relações entre léxico, cultura, sociedade e ambiente, relacionando o estudo do item lexical outros campos do conhecimento como a Geografia, a História, a Antropologia, a Biologia, a Zoologia, a Psicologia, a Teologia entre outras.

No caso da Libras – a língua de modalidade visual-espacial usada na interação entre a comunidade surda brasileira, especialmente nos espaços urbanos – a Onomástica se materializa a partir de sinais utilizados para particularizar pessoas (antropônimos), lugares (topônimos), animais (zoonimos), fenômenos da natureza (metereonimos) entre outros. Essa forma de singularizar o referente, dá ao sinal sua marca onomástica e sua função de especificadora num universo de léxico geral. O sinal onomástico em Libras, como lembra Sousa (2022), carrega, além da questão interdisciplinar, as especificidades linguísticas próprias das línguas de sinais, as marcas da cultura surda, a bagagem de experiências surdas e os resultados do contato social entre surdos e ouvintes e suas respectivas línguas.

Segundo Sousa (2022), a Onomástica possui as seguintes subáreas:

Quadro 1 – Subáreas onomásticas.

Subárea	Definição
Antropónimia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de pessoas (nome principal, apelidos, alcunhas, nomes sociais, nomes artísticos)
Astronímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de corpos celestes (planetas, estrelas, constelações etc.)
Hidronímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de espaços da hidrografia (rios, lagos, cachoeiras, igarapés etc.)
Metereonímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de fenômenos da natureza (terremotos, furacões, tufões, maremotos etc.)
Onionímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de estabelecimentos comerciais, estabelecimentos de ensino, estabelecimentos financeiros, produtos, marcas etc.
Teonímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de deuses e entidades das diferentes manifestações religiosas ou espirituais (Santos do Catolicismo, Orixás do Candomblé, Caboclos da Umbanda, Divindades do Santo Daime, Encantados do tambor de Mina etc.)
Toponímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de espaços geográficos (cidades, países, ruas, vilas, comunidades, praças etc.) em línguas orais e em línguas de sinais.
Zoonímia	Estuda os nomes (ou sinais) próprios de animais (animais de estimação, animais personagens de produções artísticas etc.)

Fonte: adaptado de Sousa (2022, p. 14).

No Brasil, as subáreas mais estudadas, em Libras, são a Toponímia e a Antropónimia. Citemos as teses que abordam essas temáticas: Sousa (2019), Rech (2021), Chaibue (2022), Mariano (2023), Doulettes (2023) e Marins (2024). O primeiro, Sousa (2019), estudou a toponímia em Libras das 22 cidades acreanas, a partir dos aspectos formais (fonológico e morfológico) e semântico-motivacionais. Destacou, ainda, questões de iconicidade e empréstimos da língua oral inerentes aos sinais topónimos.

Rech (2021) analisou os nomes de pessoas em Libras sob a ótica da Linguística Cognitiva em diálogo com os Estudos Onomásticos a fim de identificar as características sócio antroponomásticas dos sinais de nome. Os dados somaram 393 respostas de pessoas ouvintes, obtidas por meio de questionário online. De modo

geral, o estudo busca identificar de que modo as metonímias/metáforas conceptuais estruturam o processo de nomeação em Libras.

Chaibue (2022), por sua vez, analisou os antropônimos (109 sinais) e os topônimos (32 sinais) da cidade de Formosa (GO) a partir de entrevistas com surdos e ouvintes da região. O interesse principal foi descrever os aspectos estruturais e motivacionais dos sinais onomásticos. Souza (2023), numa intersecção com a Linguística de Corpus, registrou e descreveu 112 topônimos em Libras que nomeiam cidades de Goiás. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas com pessoas surdas da região.

Vale apresentar, ainda, a pesquisa de Doulettes (2023) que analisou a toponímia bíblica em línguas de sinais de países da Europa (Itália, Grécia, Turquia, Chipre, Malta), do Oriente Médio (Israel, Palestina, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque), da África (Egito e Líbia) e da América do Sul (Brasil). Foram coletados 74 sinais em Libras e verificadas as correspondências toponímicas nas outras línguas de sinais, especialmente quanto à iconicidade e a motivação do sinal.

Já Marins (2024) pesquisou os topônimos em Libras e em português que nomeiam os espaços de saúde de Feira de Santana (BA). A pesquisadora fez o levantamento das motivações dos topônimos das unidades de saúde nas duas línguas (Libras e português), a partir de dados coletados na secretaria de saúde do município, na base de dados do DataSUS e na Associação de Surdos de Feira de Santana.

Um aspecto é comum aos resultados de todos os estudos referidos: a presença de empréstimos da português refletidos na estrutura dos sinais onomásticos – o que reflete a observação de Sousa (2022) ao constatar que o contato social de surdos e ouvintes e a experiência surda numa sociedade em que a língua portuguesa escrita está presente em todos os ambientes e contextos de interação (escolas, igrejas, comércios, mídias, espaços geográficos urbanos diversos) influencia a criação de sinais de pessoas e lugares em Libras. Contudo, como pondera o pesquisador, esse fato não

torna a Libras inferior ou dependente do português, pois constitui um fenômeno natural em línguas em contato.

Há ainda outros estudos desenvolvidos em dissertações de Mestrado, Monografias de Graduação e Especialização, e artigos científicos, mas não serão apresentados aqui. O interesse é mostrar que outras subáreas onomásticas – como Onionímia, Teonímia e Zoonímia – são pouco exploradas em pesquisas científicas, especialmente quando se trata das línguas de sinais do Brasil<sup>1</sup>.

Venancio (2023) desenvolveu um estudo onionímico em Libras a partir de 29 sinais em Libras de estabelecimentos comerciais do Via Verde Shopping (Rio Branco – Acre). Os dados foram coletados a partir de entrevistas com surdos rio-branquenses. Os sinais foram analisados a partir da formação morfológica e da iconicidade.

Já Moreira (2023) estudou os sinais em Libras de 10 Orixás do Candomblé: Exu, Iansã, Iemanjá, Nanã, Ogum, Omolu, Oxalá, Oxóssi, Oxum e Xangô. Trata-se de um estudo onionímico em língua de sinais que buscou analisar as estruturas dos sinais e as relações entre as motivações semânticas refletidas nos itens onomásticos e as imagens ou símbolos sagrados inerentes a cada Orixá. Os resultados desse estudo foram divulgados em Sousa e Moreira (2024).

A pesquisas de Venâncio (2023) e Moreira (2023) revelaram forte iconicidade dos sinais onomásticos em relação aos seus referentes: no primeiro caso, as identidades visuais dos estabelecimentos comerciais (logomarcas); no segundo caso, as imagens mais representativas dos Orixás e seus elementos característicos (adornos como arco-e-flecha, machada, espelho, cetro etc.). Abordaremos, a seguir, a questão da Zoonímia e seus estudos em Libras.

---

<sup>1</sup> No Brasil, além da Libras, há outras línguas de sinais indígenas (ex. a Língua de Sinais Urubu-Kaapor, a Língua de Sinais Sateré-Waré, a Língua de Sinais Guarani-Kaiowá), línguas de sinais emergentes (Fusellier-Souza, 2006), como a Língua de Sinais Cena.

### **3 Zoonímia em geral e Zoonímia em Libras**

A Zoonímia, como entendida neste estudo, trata dos nomes próprios (individualizantes, particulares) dos animais, sejam animais de estimação, animais personagens de ficção, animais famosos nas redes sociais entre outros. Essa definição já foi apresentada por nós em Sousa (2022), quando descrevemos as subáreas da Onomástica.

Como aponta Neethling (2017, p. 250), “animal names as na onomastcs category has not received much attention anywhere in the world”. Em literatura corrente parece haver uma diferença entre estudos zoonímicos que tratam dos termos genéricos referentes aos animais (de características mais etimológicas, ou a partir de suas espécies, classes, raças) e as investigações zoonímicas que se detêm às nomeações próprias (específicas) dos animais. No primeiro caso, podemos citar as pesquisas de Cardoso (1977), Campos (2012), Garrido (2012; 2022), Bazan (2015), Leibring, 2016, Homem e Lubwatu (2022), quanto ao segundo caso, citamos as investigações de Karpinski et al (2020), Yuldashev; Andaniyazova (2022) e Sousa (2022; 2023, 2024a, 2024b).

Cardoso (1977) já destaca a Zoonímia como estudo linguístico dos nomes dos animais, mas não exatamente dos nomes próprios. O interesse da pesquisadora é estudar a origem dos nomes dos animais e observar os processos metassêmicos, pois, “em todas nas línguas, são principalmente os nomes dos animais que estão em contacto direto com o homem que sofrem o processo de metassemia” (Cardoso, 1977, p. 290), portanto sendo possível observar fenômenos de metáfora, metonímia, catacrese entre outros.

Campos (2012) estuda o léxico zoonímico e fitonímico da língua Maxakalí com base na estrutura (morfossintática, morfonêmica e morfolexical) e na semântica (classificadores, opacos, semitransparentes e transparentes). Trata-se de um estudo descritivo de base etnobiológico que aborda os nomes genéricos dos animais.

Garrido (2012) apresenta estudos envolvendo léxico científico zoonímico em obras lexicográficas do português e do espanhol. O estudo propõe aproximação da lexicografia, da sistemática (taxonomia) biológica e da tradução. Em Garrido (2022), o estudo é centrado nos problemas e inadequações na tradução a partir do inglês, de duas encyclopédias portuguesas, quanto aos verbetes relacionados à zoonímia: famílias, gêneros e espécies de animais.

Bazan (2015) identificou e interpretou as lexias usadas para designar as famílias dos canídeos (como cachorros e raposas) e dos hienídeos (como hienas e lobos) pertencentes ao território das línguas bantu. E Homem e Lubwatu (2022) apresentaram um inventário zoonímico na perspectiva da cultura do povo Ambundu. Esses últimos trabalhos também se detêm ao léxico zoonímico genérico.

Leibring (2016) apresenta uma pesquisa ampla sobre os nomes de animais domésticos, tanto na perspectiva sincrônica, quanto diacrônica, com dados extraídos nos continentes europeu, africano e ártico. A pesquisadora aborda questões como a mudança de nomes, as relações entre animais e humanos, e as diferenças entre nomes de animais machos e fêmeas. A autora conclui que, assim como ocorre com nomes de pessoas, os nomes de animais são influenciados pelos modismos e pelas mudanças sociais. A relação entre os homens e os animais também mudou e isso influenciou também o processo de nomeação uma vez que muitos nomes de animais são emprestados de outros grupos onomásticos (como os antropônimos).

Por outro lado, Karpinski et al (2020) apresentaram um estudo sobre os nomes dos animais de estimação (cães e gatos) atendidos por uma clínica veterinária entre 2014 e 2018. Foram identificados 36.487 nomes de cães e 14.518 nomes de gatos. Os pesquisadores identificaram formações no diminutivo (demonstrando afetividade) e homenagens a personalidades da cultura e da mitologia.

Numa abordagem línguocultural, Yuldashev e Andaniyazova (2022) estudaram os zoonimos utilizados em textos literários, destacando os significados simbólicos das

escolhas dos nomes próprios dos animais, a função nominativa dos zoonimos, e suas características poéticas.

Sousa (2022), por sua vez, num estudo sobre a Onomástica em Língua Brasileira de Sinais, descreve a zoonímia em Libras e apresenta uma proposta preliminar de descrição do sinal zoonímico a partir de 3 categorias: as características físicas dos animais (formato da orelha, formato do focinho, cor ou tipo de pelo etc.), características comportamentais dos animais (agitado, calmo, dorminhoco, comilão etc.), empréstimos da língua oral (iniciais do nome do animal em português, por exemplo). Esse trabalho, no entanto, não se utiliza de dados concretos (científicos) para fundamentar as classificações. Se baseia nas experiências do autor na comunidade surda e nas observações informais.

Em Sousa (2024a, 2024b), a investigação zoonímica se concretiza a partir da análise de dados coletadas por meio de 52 entrevistas com surdos de Rio Branco (Acre) e Campinas (São Paulo). Os participantes da pesquisa, de ambos os sexos, tinham entre 10 e vinte anos. As perguntas principais eram: a) você tem animal de estimação? b) Em caso positivo, qual(is)? c) Seu(s) animal(is) de estimação possui(em) sinal em Libras? d) Em caso positivo, qual(is)? e) Por que você escolheu esse(s) sinal(is)?

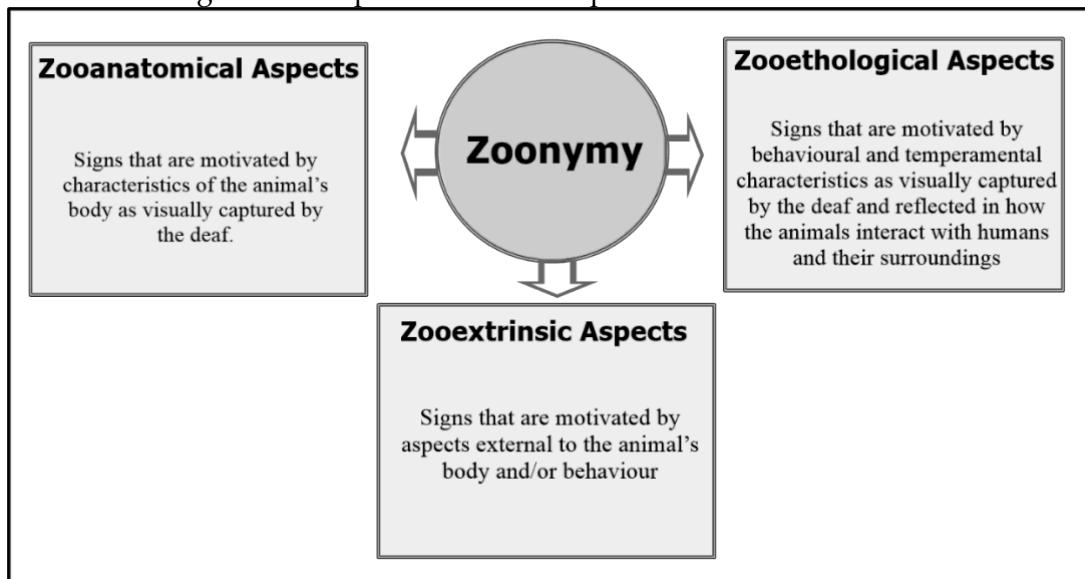
A partir das entrevistas, foram apresentados 106 sinais zoonímicos. Os principais animais informados pelos participantes foram cães (35, 85%) e gatos (34, 91%), mas apareceram, em menores quantidades, jabutis (5, 66%), peixes (4, 72%), coelhos (3, 77%), hamsters (3, 77%) e cavalo (0, 94%).

A partir dos sinais informados pelos participantes foram realizadas duas análises linguísticas: morfológica (formação do sinal) e semântica (motivacional). No primeiro caso, os dados revelaram que a prevalência é da formação simples (92,45%) nos sinais zoonímicos em Libras, sem a influência do português (o que difere das pesquisas relacionadas à antropônimia e à toponímia em língua de sinais).

Quanto à análise motivacional, os dados mostraram que as características físicas dos animais foram os principais motivadores da criação do sinal zoonímico pelos

surdos entrevistados, somando 62, 26% dos casos. Mas houve uma diversidade de outras motivações apresentadas – comportamentais, enfeites, raça, homenagens – que possibilitaram a proposta de classificação taxonômica, como divulgado em Sousa (2024b), e descritas a seguir:

Figura 1 – Proposta taxonômica para a zoonímia em libras.



Fonte: Sousa (2024b, p. 235-236).

No presente artigo, utilizaremos a referida proposta taxonômica para classificar os sinais zoonímicos apresentados por surdos de Rio Branco participantes do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre – projeto que será descrito na próxima seção dedicada à metodologia.

#### 4 Metodologia

O objetivo deste estudo, como ressaltamos anteriormente, é analisar os sinais em Libras que são atribuídos a animais de estimação por surdos de Rio Branco, Acre, quanto à motivação semântico-motivacional. Os dados são obtidos a partir de entrevistas com participantes do Inventário de Libras de Rio Branco – descrito a seguir.

#### **4.1 Quanto aos Inventário**

O Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre, sediado na Universidade Federal do Acre, sob a coordenação do professor Alexandre Melo de Sousa, constitui uma variante do projeto matriz – Inventário de Libras Nacional – em desenvolvimento na Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto matriz inclui, além do Acre, outros estados: Alagoas, Tocantins, Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul entre outras.

Os objetivos do projeto, segundo Sousa *et al* (2023), é constituir um corpus da Libras representativa de cada região selecionada, além de mapear e registrar as características sociolinguísticas com base nas ocorrências linguísticas, sociais e culturais refletidas nas etapas de interação entre os participantes. O projeto replicado em Rio Branco possui os mesmos objetivos, como apontados por Quadros e Sousa (2021), no intuito de oferecer dados para diversas pesquisas, alcançados por meio de uma metodologia rigorosa que tornam os dados qualitativamente comparáveis e equivalentes.

#### **4.2 Quanto aos participantes**

Os participantes do Inventário de Rio Branco foram 33 surdos fluentes em Libras (ter se apropriado da língua de sinais até os 7 anos de idade), nascidos e/ou residentes na capital acreana há, pelo menos, 10 anos. Foram distribuídos em 3 grupos etários: Grupo 1 (6 homens e 6 mulheres de 18 até 29 anos), Grupo 2 (6 homens e 6 mulheres de 30 até 49 anos) e Grupo 3<sup>2</sup> (3 homens e 5 mulheres de 50 anos em diante).

Os pesquisadores do projeto – que realizavam as entrevistas – foram 3 surdos, de nível superior, que cumpriam os mesmos critérios dos participantes, e precisavam ser extrovertidos e referências na comunidade surda. Todos assinaram o TCLE

---

<sup>2</sup> O projeto matriz orienta que os grupos sejam compostos por 6 homens e 6 mulheres, no entanto, em Rio Branco não havia surdos nessa faixa etária que cumprissem os outros critérios (fluência e apropriação da Libras e/ou permanência/naturalidade na região).

(Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) e o Termo de Autorização de Uso e Divulgação de Imagem) – como orientado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – tanto em capturas estáticas quanto em vídeos. Os termos constam permissões para utilização dos dados em estudos linguísticos, educacionais, antropológicos etc. Todos os participantes receberam instruções claras e objetivas em Libras e todos os documentos escritos foram traduzidos para língua de sinais detalhando o que se pretende com a elaboração da pesquisa, destacando a relevância acadêmica, social e cultural do estudo no que se refere à ampliação de pesquisas sobre a Libras e, consequentemente, quanto à inclusão social dos surdos. Após verificada a compreensão das diversas implicações do fornecimento de suas imagens para propósitos de estudos por parte dos participantes surdos, as entrevistas foram iniciadas.

#### **4.3 Quanto às entrevistas**

O projeto iniciou com a preparação da equipe e pesquisadores em 2019, contudo, devido à Pandemia da Covid 19, as atividades foram suspensas. O grupo realizou algumas atividades remotas de estudos, mas o projeto só foi retomado em 2021. Inicialmente, foram realizadas visitas no CAS (Centro de Apoio ao Surdo), na ASSACRE (Associação de Surdos do Acre) e nas Secretarias de Educação estadual e municipal com o intuito de fazer o levantamento dos surdos residentes em Rio Branco e região. De posse das informações, foi realizada a primeira seleção dos surdos que cumpriam os requisitos de participação.

Em seguida, cada surdo foi convidado, individualmente, oferecendo explicações sobre o projeto e as possíveis contribuições para os estudos da Libras, para a valorização da língua e da cultura surda e, ainda, as prováveis contribuições para a ciência e o ensino. Alguns convidados (de 50 anos ou mais) não aceitaram participar, por motivos diversos: limitação de tempo, timidez entre outros. Alguns não puderam participar por não ter fluência em Libras (um critério de inclusão).

Após concluídas as formações dos grupos, iniciamos as entrevistas – realizadas com o apoio da Universidade Federal do Acre. O espaço cumpria as orientações quanto aos equipamentos de gravação (4 câmeras, computados, TV etc.), a pintura das paredes do estúdio em cor azul, iluminação adequada, equipe com habilidades em equipamentos de capturas e de mídia. Os pesquisadores e participantes usaram camisas de cor preta e as entrevistas foram capturadas por 4 ângulos diferentes, como ilustrado a seguir:

Figura 2 – Captura das entrevistas do Inventário de Libras de Rio Branco.



Fonte: arquivo do projeto.

As entrevistas consistiam em momentos diferentes para captura dos dados: no primeiro momento, o pesquisador desenvolvia uma entrevista com perguntas de ordem pessoal; em seguida, havia uma atividade de elicitação com uma narrativa (filme); posteriormente, procedia-se a uma segunda atividade de elicitação, com outra narrativa (história em quadrinho); no momento seguinte, pesquisador e participante interagiam a partir de temas diversos (educação de surdos, lazer, Covid 19, tecnologias, entre outros); por fim, realizava-se a última atividade e elicitação, com

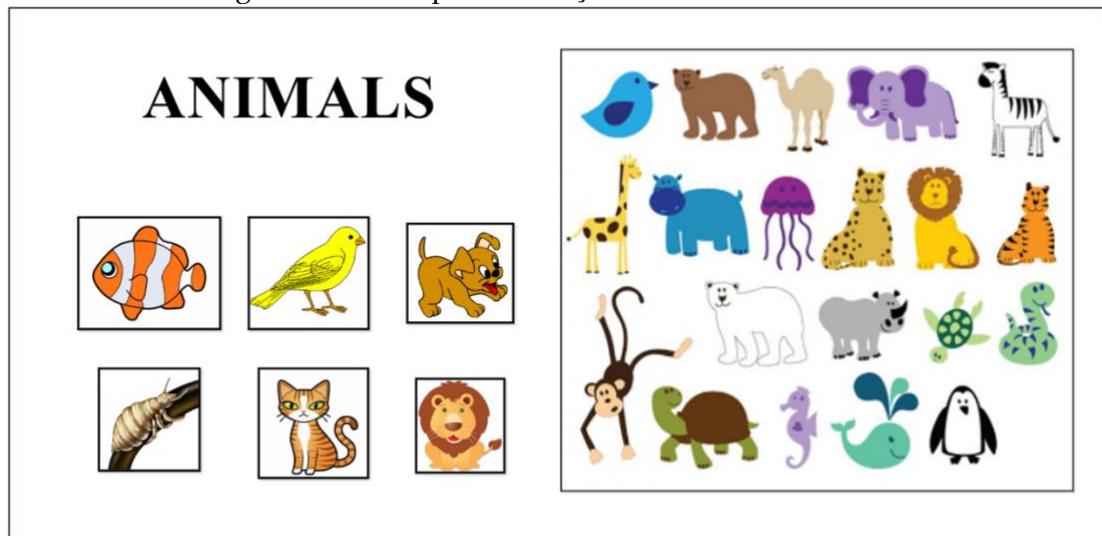
foco gramatical e lexical (*Lista Swadesh*). Neste último momento, havia, também, provocações para obtenção de dados onomásticos.

Após as entrevistas serem concluídas, em 2023, os dados passaram para a etapa de armazenamento e notação/transcrição (etapa que está em curso atualmente). Os dados são notados/transcritos com a utilização do software ELAN (EUDICO Language Annotator), seguindo os protocolos do projeto matriz.

#### 4.4 Quanto aos dados zoonímicos

Como dito anteriormente, na quinta etapa das entrevistas (*Lista Swadesh*) foi solicitado que os participantes informassem, inicialmente, os sinais correspondentes aos animais: cachorro, gato, leão, peixe, girafa, pássaro, elefante, tigre, pinguim, urso tartaruga, jabuti etc. O objetivo era coletar os sinais (itens lexicais) desses animais – classe genérica. Para isso, eram apresentados slides com as imagens (Figura 3) e os participantes informavam os sinais.

Figura 3 – Slides para elicitação dos sinais de animais.



Fonte: arquivo do projeto.

Em seguida, os participantes eram indagados se possuíam animais de estimação e, em caso positivo, se os animais possuíam sinais próprios em Libras. Quando o participante afirmava que os animais tinham sinais e apresentavam o referido item

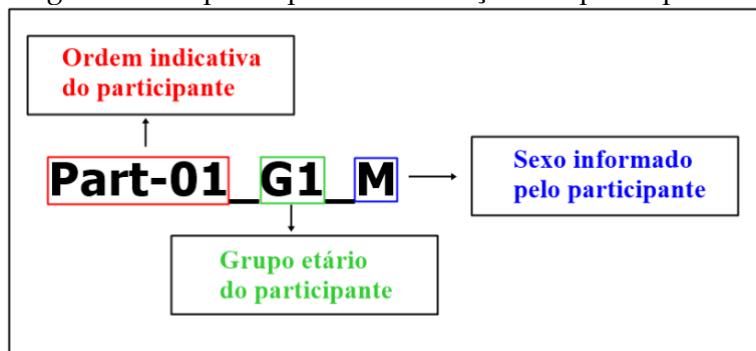
zoonímico, era perguntado sobre o porquê da escolha daquele nome em Libras para o animal.

Segundo Sousa e Garcia (2023), o Inventário de Libras de Rio Branco apresentou 6.468 itens lexicais na etapa na elicitação gramatical e lexical (Lista *Swadesh*). O grupo mais representativo foi do tempo: 11, 73%, seguido dos municípios, com 11,22%. O campo dos animais (termo genérico) somou 3,06% dos dados.

## 5 Resultados e discussões

Concluídas as entrevistas, organizamos os dados a fim de identificarmos os dados zoonímicos quantitativamente. Cada participante foi identificado a partir de etiquetas, que contém as seguintes informações:

Figura 4 – Etiquetas para identificação dos participantes.



Fonte: arquivo do projeto.

Embora todos os participantes tenham assinado termos de cessão de imagens e concordância na identificação (aprovados pelo CEP), preferimos utilizar as etiquetas para organização dos dados. Contudo, algumas imagens dos participantes serão utilizadas ao longo deste texto.

Em linhas gerais, os dados quantitativos são apresentados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Quantitativo de sinais zoonímicos.

Grupo	Quantidade de Participantes	Possuem animais	Quantidade de animais	Possuem sinal
1	12	12	15	15
2	12	10	21	20
3	8	7	10	10
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>29</b>	<b>46</b>	<b>45</b>

Fonte: elaborada pelo autor.

Ao final das entrevistas, portanto, foram identificados 45 sinais zoonímicos no Inventário de Libras de Rio Branco, Acre: no Grupo 1 (18-29 anos), todos os participantes afirmaram ter animais de estimação; no Grupo 2 (30-49 anos), dos 12 participantes, 10 afirmaram possuir animais de estimação, mas um dos animais não possuía sinal; no Grupo 5 (a partir de 50 anos), dos 8 participantes, 7 afirmaram possuir animais de estimação.

Como alguns participantes possuíam mais de um animal, o quantitativo de sinais somou o seguinte: Grupo 1: 15 sinais; Grupo 2: 20 sinais; Grupo 3: 10 sinais. A justificativa do participante do Grupo 2 para o fato de seu animal de estimação não possuir sinal, foi o pouco tempo de contato entre eles (tratava-se de um filhote e ainda não houve tempo para o tutor observar as características do animal e atribuir-lhe um sinal).

Agora, apresentaremos os resultados divididos por cada grupo etário. Ao final, faremos uma síntese com o quantitativo geral. Os sinais foram classificados quanto às motivações semânticas, a partir da proposta de Sousa (2023, 2024a). Cada sinal zoonímico apresentado para exemplificações foi escrito em *SignWriting* – que é sistema gráfica da Libras (e de outras línguas de sinais). Os vídeos não serão utilizados para ilustração, neste momento, porque estão na fase de editoração (tratamento de imagens).

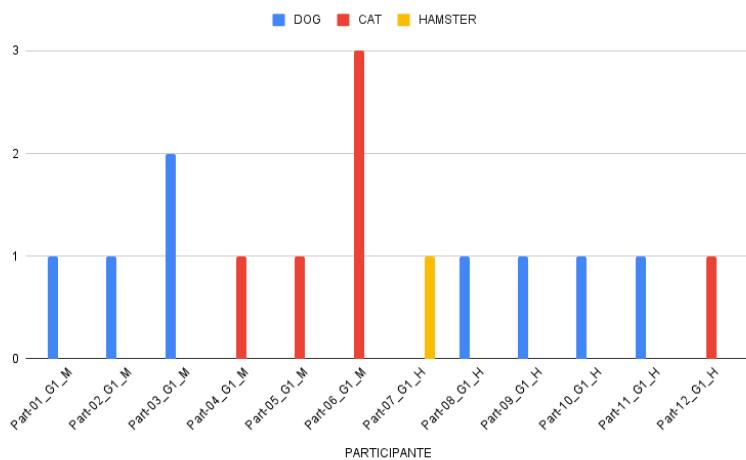
Inicialmente, mostraremos os tipos de animais apresentados pelos participantes de cada grupo e os respectivos valores quantitativos. Em seguida, trataremos das

ocorrências de motivações semânticas com as devidas discussões. Para isso, utilizaremos trechos das entrevistas transcritas.

## 5.1 Grupo 1

O grupo 1 contou com a participação de 6 surdos e 6 surdas rio-branquenses. A maioria dos surdos desse grupo eram estudantes universitários: 8. Os demais estavam concluindo o Ensino Médio. Como vimos na Tabela 1, todos possuíam animais e estes possuíam sinais próprios. Vejamos o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Animais/quantitativo (Grupo 1).

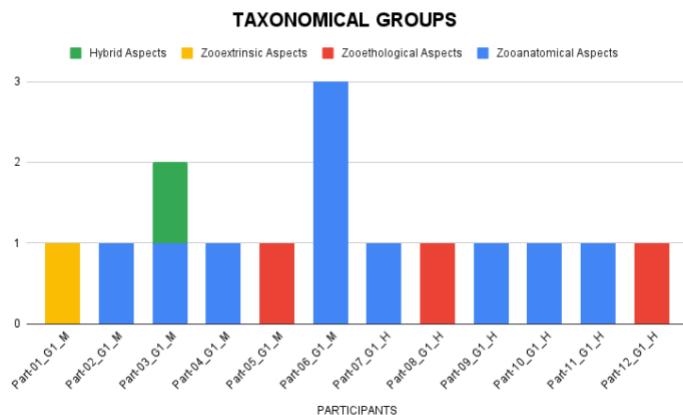


Fonte: elaborado pelo autor.

Nesse grupo prevaleceu o número de cachorros (8), seguido do número de gatos (6) e com apenas 1 hamster. Interessante observar que os cachorros também foram os animais mais citados pelos participantes do estudo de Karpinski et al (2020) e de participantes surdos do estudo de Sousa (2023). Todos os animais citados pelos participantes surdos do Grupo 1 do Inventário possuíam sinais próprios.

Quanto aos sinais atribuídos aos animais, o gráfico 2, a seguir, ilustra o quantitativo, a partir da classificação de Sousa (2023, 2024a).

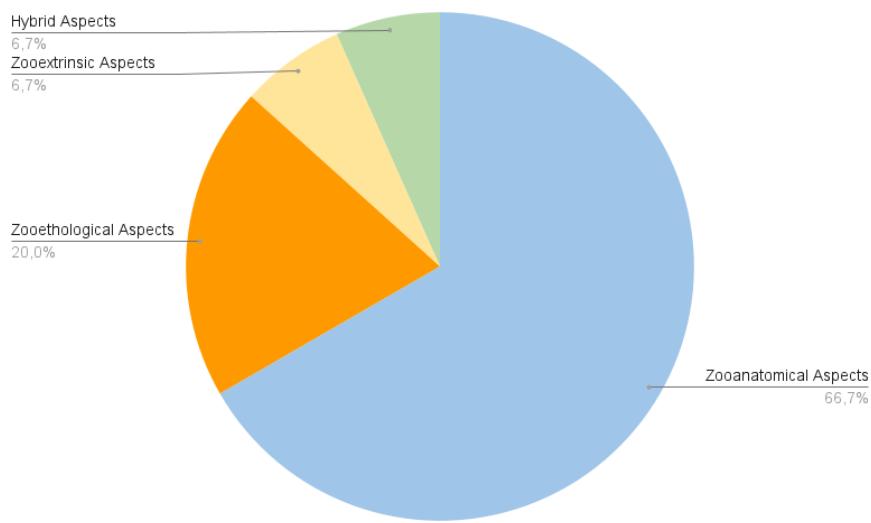
Gráfico 2 – Taxonomical Groups (Grupo 1).



Fonte: elaborado pelo autor.

Como se vê, prevaleceram os aspectos físicos (zooanatômicos) como principais motivadores das escolhas dos sinais para os animais de estimação dos participantes surdos do primeiro grupo etário. Em números percentuais, temos o seguinte quantitativo:

Gráfico 3 – Taxonomical Groups II (Grupo 1).

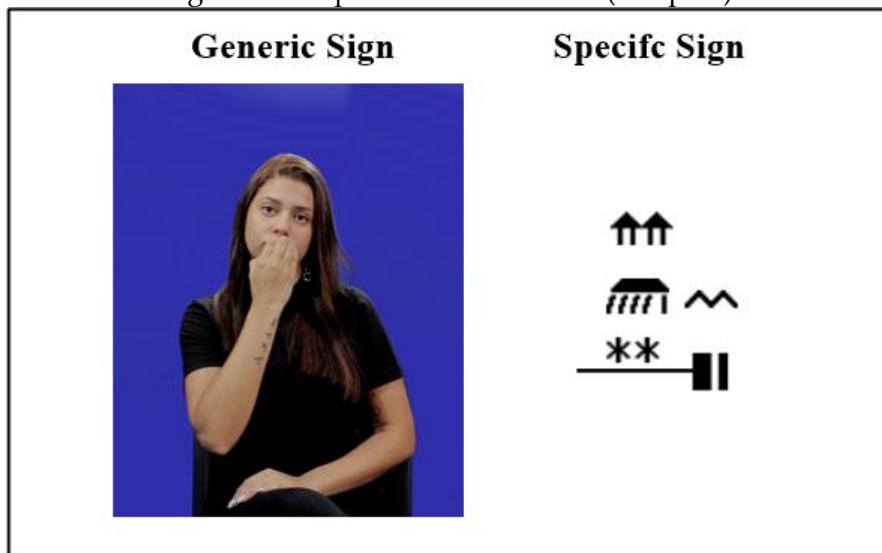


Fonte: arquivo do projeto.

Os sinais classificados a partir dos aspectos zooanatômicos somaram 10 (66,7%). Foram indicados como motivadores: os tipos de pelos dos animais, as cores dos pelos

dos animais, o formato do focinho, o formato das orelhas, e até alguma deficiência física do animal. Um exemplo pode ser visualizado a seguir para a nomeação da cadelinha com base no formato dos pelos:

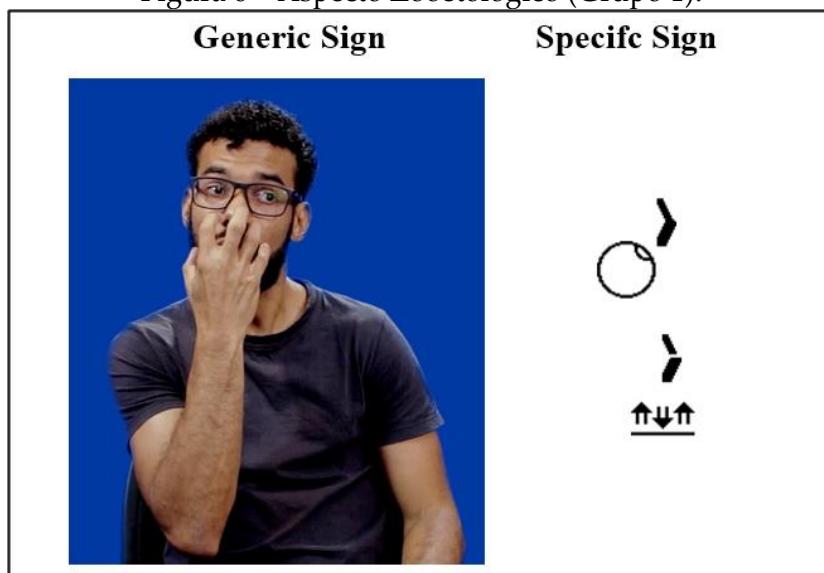
Figura 5 – Aspecto Zooanatômico (Grupo 1).



Fonte: arquivo do projeto.

Os aspectos zooetológicos somaram 3 (20%). Foram citados, por exemplo, a agitação do animal, o modo como o animal olha e o costume que o animal tem de se coçar. Esse último caso pode ser visualizado a seguir:

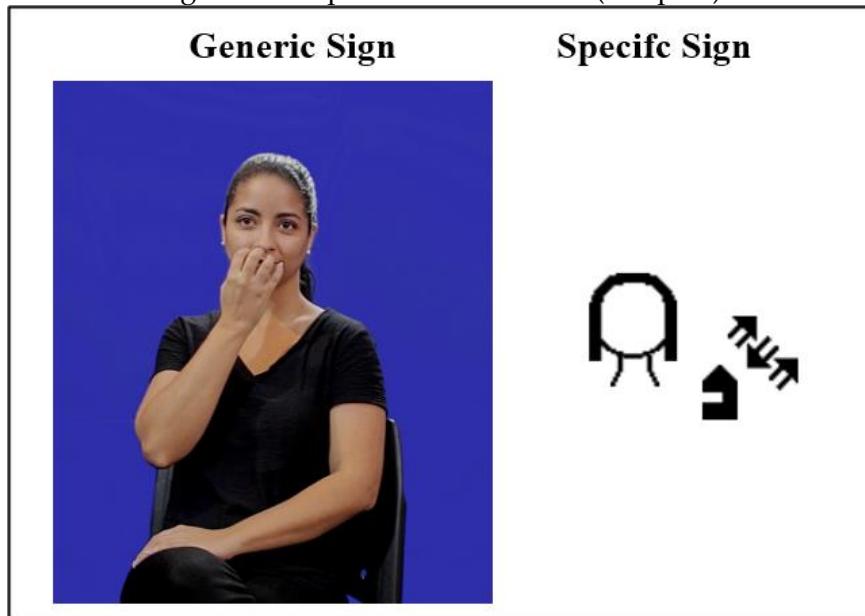
Figura 6 – Aspecto Zooetológico (Grupo 1).



Fonte: arquivo do projeto.

O aspecto zooextrínseco, por sua vez, apareceu apenas 1 vez (6,7%). A participante nomeou a cadelinha com o sinal formado pela configuração correspondente à letra B, fazendo relação com seu nome em português: Belinha. O sinal pode ser visualizado a seguir:

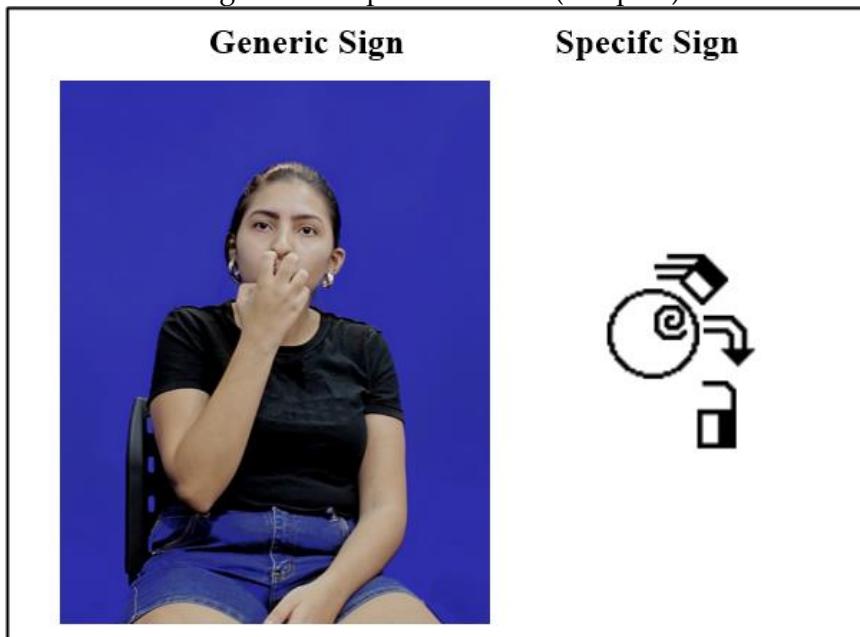
Figura 7 – Aspecto Zooextrínseco (Grupo 1).



Fonte: arquivo do projeto.

Durante as respostas, um dos participantes apresentou um sinal que incluía dois aspectos em sua composição: aspecto zooanatômico (uma cor diferente do pelo próximo ao olho do cachorro) e aspecto zooextrínseco (configurações de mão que faziam referência às letras do nome do animal em português). A seguir, apresentamos o sinal informado pela participante.

Figura 8 – Aspecto Híbrido (Grupo 1)



Fonte: arquivo do projeto.

A participante explicou o seguinte:

Meu cachorro não tinha um sinal em Libras. Ele já estava grande e eu sentia que precisava dar um nome a ele na minha língua. Eu via meu pai chamando pelo nome em português. Eu lia os lábios. Então eu resolvi juntar a marca na testa do cão e as letras do nome dele. Acho que ficou bonito o sinal. parece bilíngue [risos] (Part-03\_G1\_M).

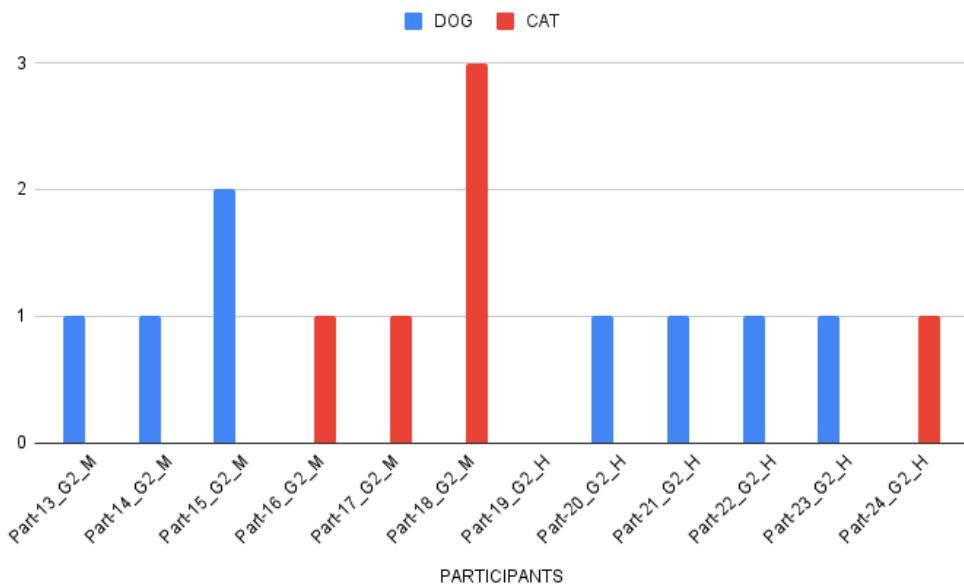
Neste caso, preferimos classificar como *Aspecto Híbrido*, complementando a proposta classificatória de Sousa (2023). Esse último aspecto somou, também, 6,7%. Vale ressaltar que o referido autor já havia mencionado os casos em que as classificações poderiam ocorrer associadas (dois ou mais aspectos juntos), mas não havia atribuído uma classificação específica para esses casos.

## 5.2 Grupo 2

Participaram do grupo 2: 6 surdos e 6 surdas rio-branquenses, com idades entre 29 e 49 anos. Todos os participantes eram fluentes em Libras. Sete deles, inclusive,

eram professores de Libras. Os demais trabalhavam no comércio local. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Animais/quantitativo (Grupo 2).

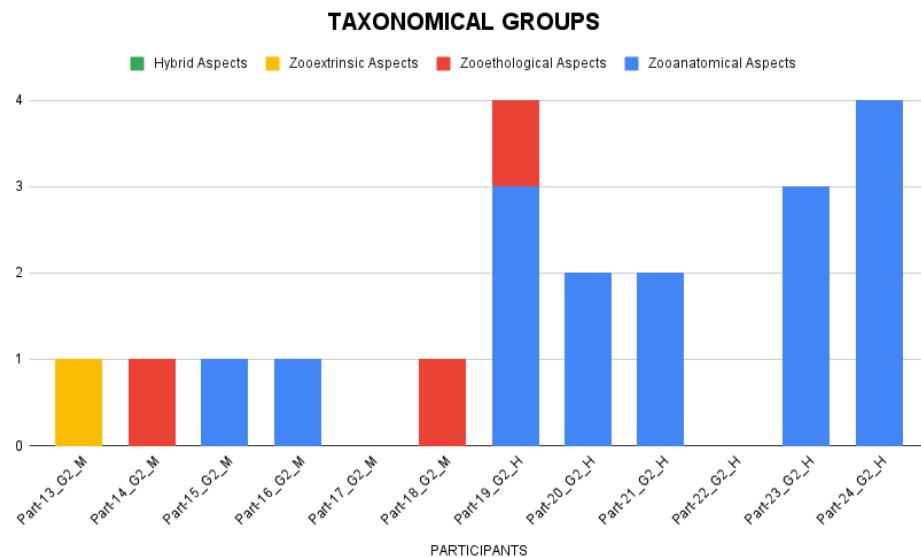


Fonte: elaborado pelo autor.

Como vimos no Gráfico 3, dos 12 participantes, 2 (um surdo e uma surda) afirmaram não possuir animais de estimação. Dos que possuíam animais, apenas em um caso o animal não possuía sinal. Nesse grupo, foram citados 15 cachorros e 5 gatos com sinais próprios em Libras.

O Gráfico 4, a seguir, mostra a distribuição quantitativa dos sinais a partir da classificação de Sousa (2023, 2024, no prelo):

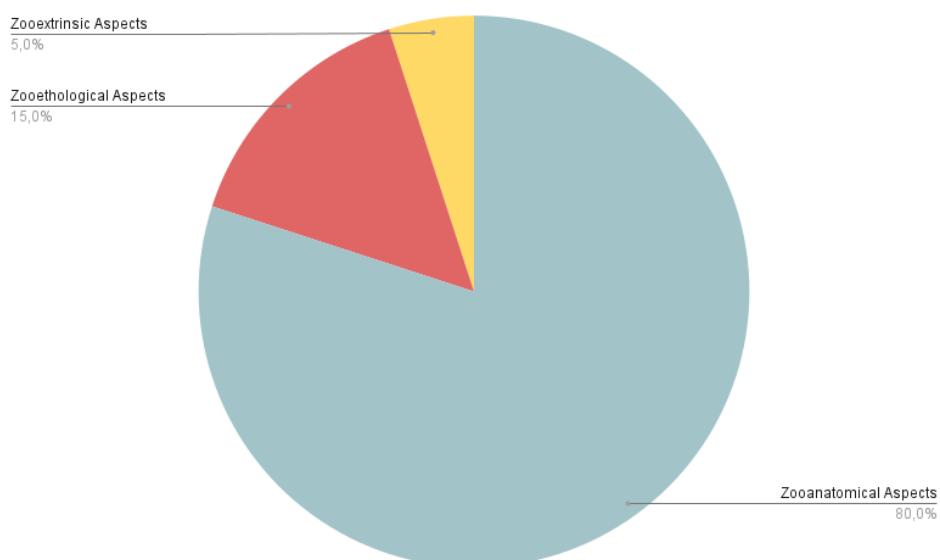
Gráfico 4 – Taxonomical Groups (Grupo 2).



Fonte: elaborado pelo autor.

Tal como ocorreu com o Grupo 1, os aspectos zooanatômicos prevaleceram como os principais motivadores na criação dos sinais zoonímicos para os animais de estimação dos participantes do estudo. O gráfico 5, a seguir, mostra os números percentuais.

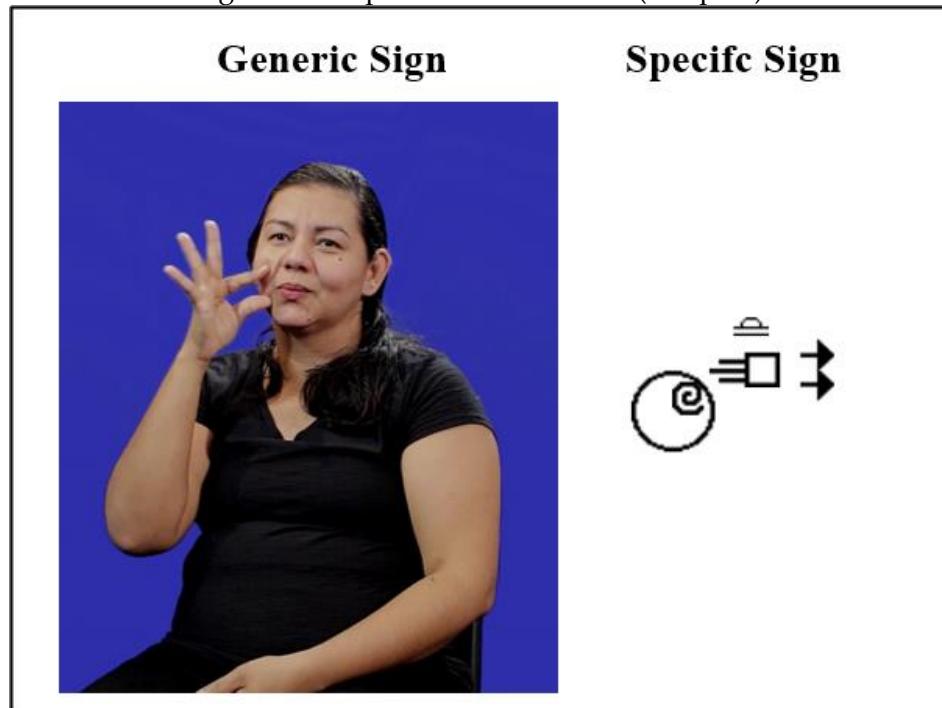
Gráfico 5 – Taxonomical Groups II (Grupo 2)



Fonte: elaborado pelo autor.

Os aspectos zooanatômicos somaram 80% dos casos. Os participantes foram motivados, no ato da nomeação, pelas marcas ou cores dos pelos, pelo formato das orelhas, pela cor dos olhos, pelo formato da calda, pelo formato dos dentes e por deficiências físicas, como o caso apresentado a seguir do sinal da gata.

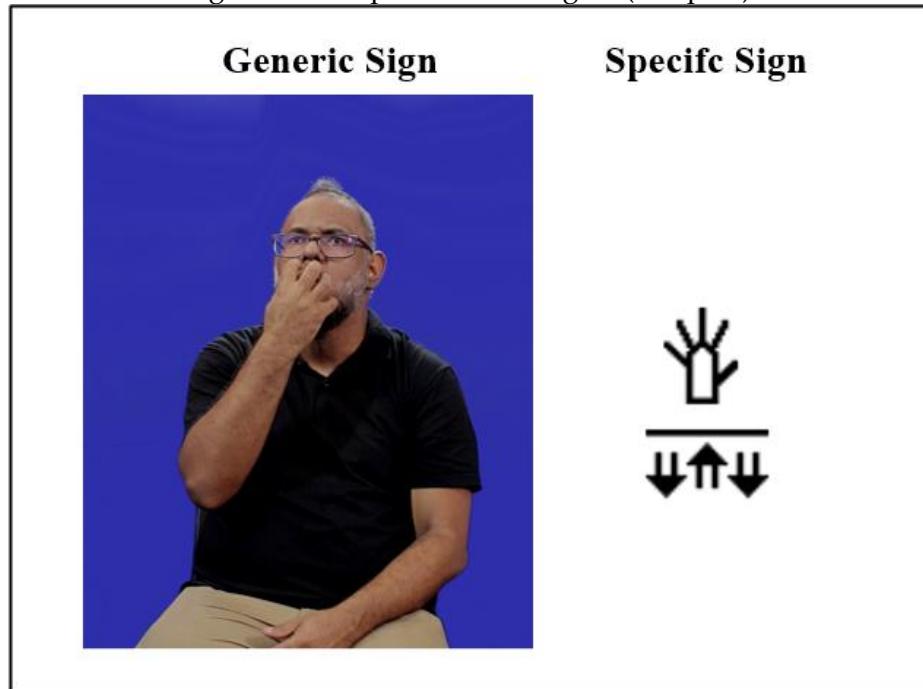
Figura 9 – Aspecto Zooanatômico (Grupo 2).



Fonte: arquivo do projeto.

Os aspectos zooetológicos totalizaram 15% (3 casos). Os motivadores foram: o jeito sonolento do animal, a maneira que o animal corre e o jeito calmo do animal de comportar. O exemplo, a seguir, ilustra esse último caso.

Figura 10 – Aspecto Zooetológico (Grupo 2).



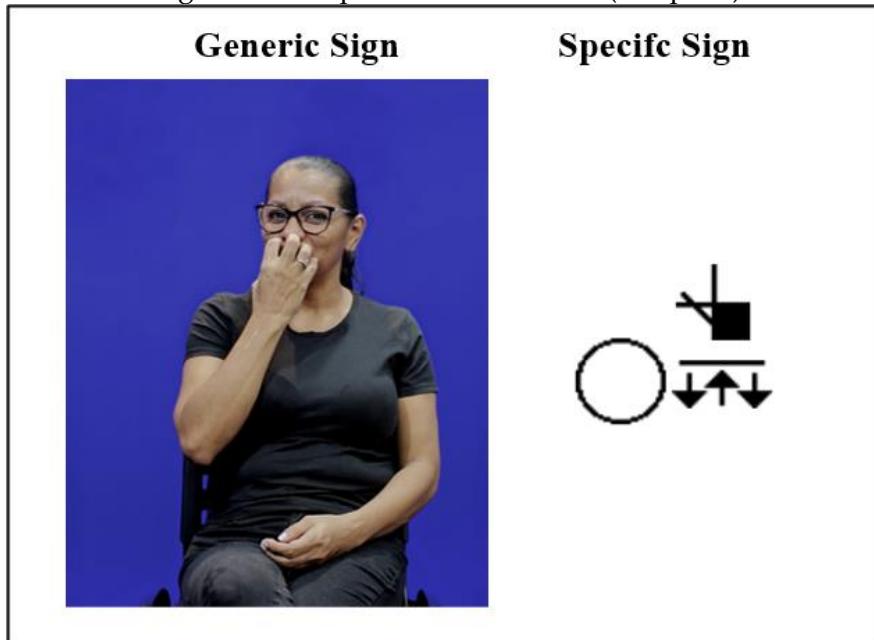
Fonte: arquivo do projeto.

Sobre a escolha do sinal, o participante diz:

Esse cachorro é diferente dos outros 3. Ele é mais calmo, brincalhão, não ataca as pessoas. Então eu dei o sinal de LEVE. Os outros são mais sérios e agressivos. O LEVE não. Ele é muito carinhoso (Part-19\_G2\_H).

Apenas um sinal foi classificado como aspecto zooextrínseco. Segundo a participante, o sinal foi motivado pelas fivelinhas que a cadelinha usa. A seguir, vemos o sinal apresentado pela participante motivado por uma característica externa ao animal.

Figura 11 – Aspecto Zooextrínseco (Grupo 2.)



Fonte: arquivo do projeto.

De acordo com Sousa (2023), quando o sinal é motivado por uma característica externa ao animal (como o uso de enfeites), ela deve ser classificada como zooextrínseca. A escola do uso parte do tutor do animal, e não dele próprio. É diferente, por exemplo, do sinal de pessoas motivado pelo uso de acessórios (que é classificado como comportamental, uma vez que constitui uma escolha do ser nomeado<sup>3</sup>). No grupo etário 2 não foram citados sinais do tipo aspecto híbrido.

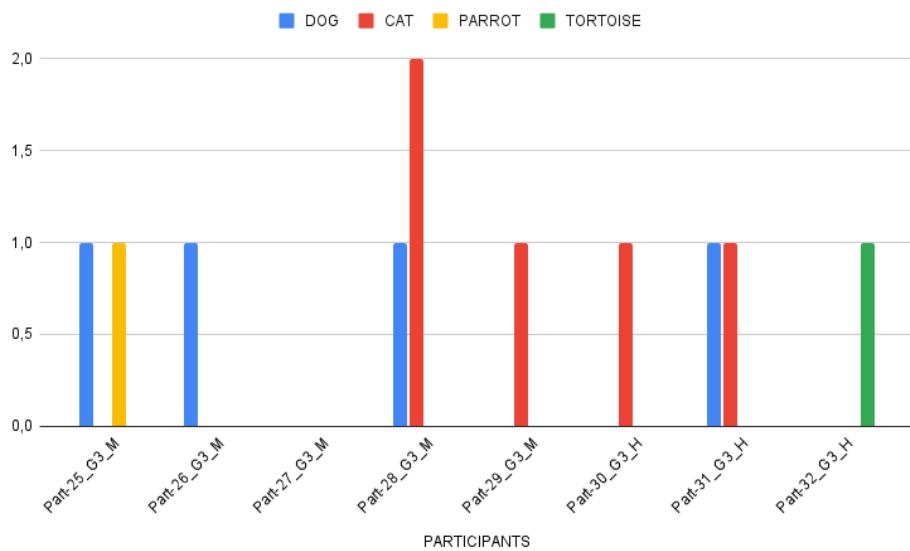
### 5.3 Grupo 3

Compuseram o terceiro grupo etário 3 surdos e 5 surdas de Rio Branco (AC), com idades de 50 anos em diante. Houve uma grande dificuldade em constituir o grupo de participantes por dois motivos principais: a) não possuir fluência em Libras ou b) não aceitar participar do projeto. Vejamos o gráfico 6.

---

<sup>3</sup> Sobre isso, consultar Barros (2018), que estuda os sinais-nome (antropônimos) em Libras e apresenta uma classificação taxonômica.

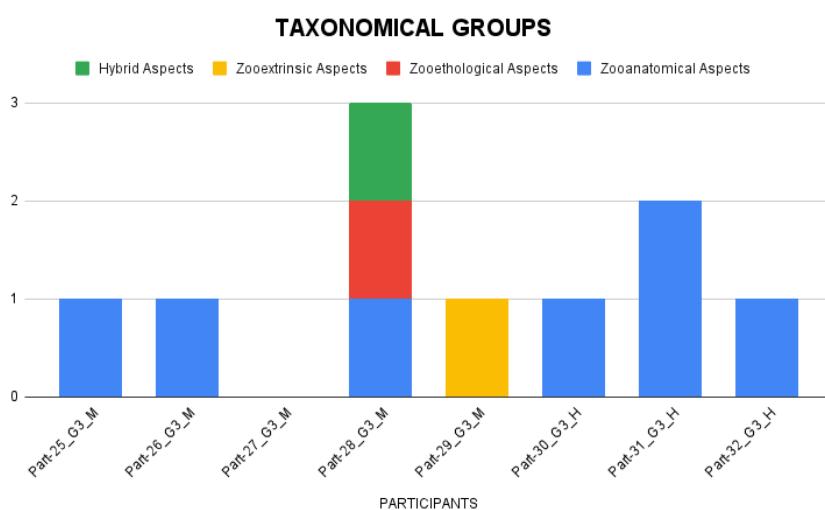
Gráfico 6 – Animais/quantitativo (Grupo 3).



Fonte: elaborado pelo autor.

No Grupo etário 3, os gatos apareceram em maior quantidade: 5. Os cães apareceram 3 vezes. O diferencial desse grupo foi a presença de um papagaio e um jabuti. Um dos participantes afirmou não possuir animal de estimação. No gráfico 7 a seguir é possível visualizar os números percentuais dos grupos taxonômicos que classificam os sinais segundo seu conteúdo semântico-motivacional.

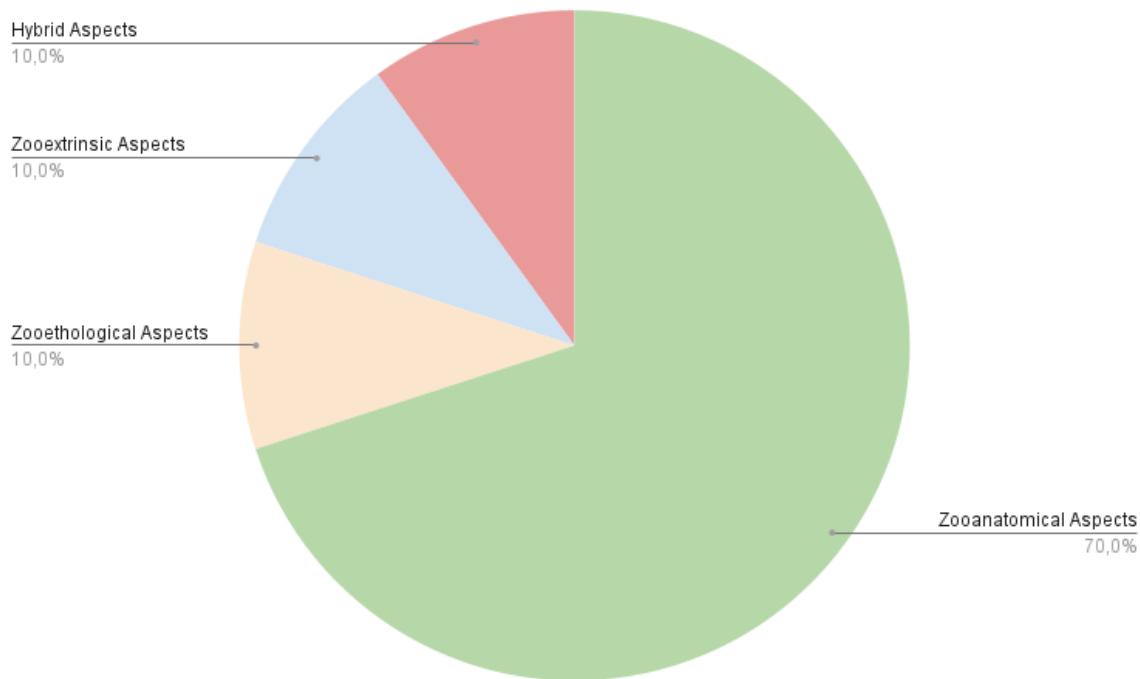
Gráfico 7 – Taxonomical Groups (Grupo 3).



Fonte: elaborado pelo autor.

No Grupo 3, o aspecto zooanatômico foi o mais frequente entre os dados, assim como ocorreu com os dois grupos etários anteriores. Seis sinais de animais foram motivados por uma característica física percebida pelos nomeadores: os sujeitos surdos. O gráfico 8 a seguir mostra, em números percentuais, os quantitativos relacionados aos grupos taxonômicos.

Gráfico 8 – Taxonomical Groups II (Grupo 3).



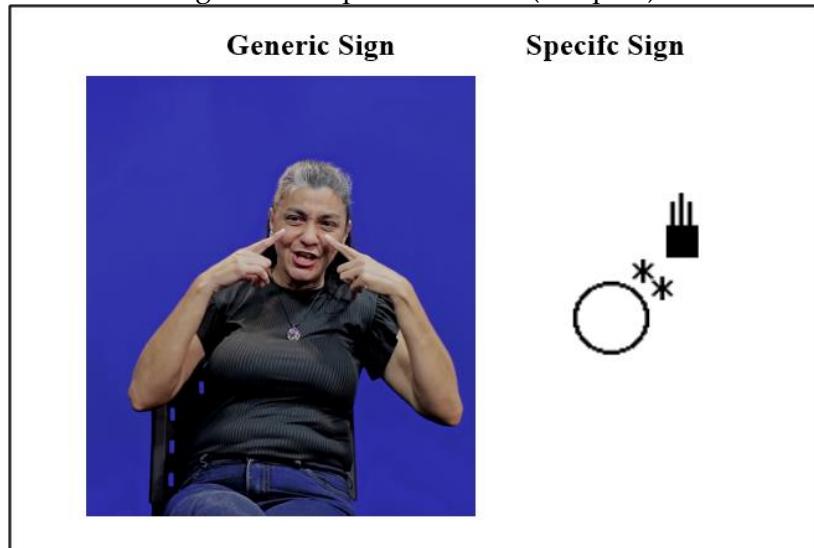
Fonte: elaborado pelo autor.

O aspecto zooanatômico esteve presente em 70% dos casos (7 sinais). As motivações foram a cor dos pelos, a cor dos olhos, o formato das orelhas, os tipos de pelos, a cor do casco (no caso do jabuti) e a cor das penas (no caso do papagaio). Esse último caso é ilustrado a seguir.

Figura Débora

Os outros aspectos ocorreram uma vez cada um: zoológico (10%), zooextrínseco (10%) e híbrido (10%). Como exemplo do último caso temos a figura a seguir.

Figura 8 – Aspecto Híbrido (Grupo 3).



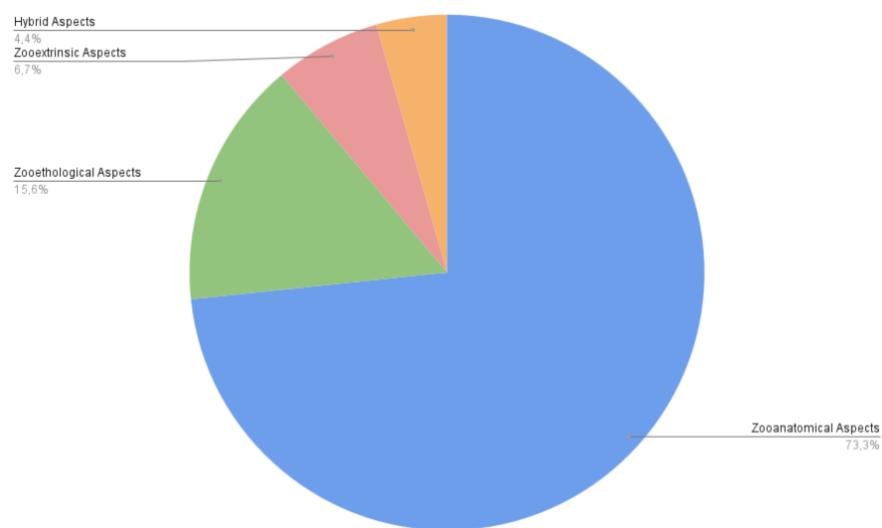
Fonte: arquivo do projeto.

A participante explicou a escolha do sinal desta forma:

Meu gato tem nome em português: Mel. Foi minha filha quem deu. Depois em dei o nome em Libras apontando o “M” na altura da cabeça onde ela tem uma marca branca. Ela é toda preta e tem uma marca branca aqui [apontando para sua própria cabeça]. Esse ficou o sinal da Mel em Libras (Part-28\_G3\_M).

O aspecto híbrido, portanto, foi identificado no Grupo 1 e no Grupo 2. No âmbito geral, os dados zoonímicos analisados neste estudo apresentam a distribuição percentual indicada no gráfico 9, a seguir:

Gráfico 9 – Taxonomical Groups (Geral)



Fonte: elaborado pelo autor.

Como é possível observar, o aspecto zooanatômico foi preponderante no ato de nomear os animais de estimação pelos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco, somando 73,3% (33 sinais). Em seguida, aparecem os aspectos zooetológicos, somando 15,6% (7 sinais). Os aspectos zooextrínsecos totalizaram 6,7% (3 sinais) e os aspectos híbridos, 4,4%.

Além desses, cremos ser válido acrescentar um quinto grupo taxonômico: *Aspecto Opaco*, para os casos em que a motivação do sinal zoonímico não seja transparente – como ocorre com os sinais toponímicos e antropônímicos – como apontou Sousa (2022).

## 6 Considerações finais

O presente artigo apresentou uma análise dos sinais em Libras que nomeiam os animais de estimação de 32 participantes do Inventário de Libras de Rio Branco, Acre. O estudo parte da proposta classificatória de Sousa (2023, 2024a) e aplica nos dados

selecionados das entrevistas com os surdos rio-branquenses que participaram do Inventário.

Sousa (2023, 2024a, 2024b) analisou sinais zoonímicos apresentados por surdos de idades entre 10 e 20 anos. No nosso caso, os dados foram fornecidos por surdos com idades a partir de 18 anos. Os dados demonstraram que a nomeação de animais em Libras é influenciada, principalmente, pelas características físicas (zooanatômicas) dos animais. Esse fato foi identificado por Sousa (2023, 2024a, 2024b).

Parece que nas nomeações onomásticas, as características físicas dos referentes têm se mostrado preponderantes na criação do sinal, o que se pode observar em pesquisas toponímicas (como Sousa e Quadros, 2021; Doulettes, 2023), antropónimas (como Barros, 2018; Rech, 2022), onionímicas (como Venâncio, 2023) e teonímicas (como Moreira, 2023).

Diferentemente do que demonstrou as análises dos sinais próprios em Libras nas outras subáreas da onomástica, nos dados zoonímicos a influência da língua portuguesa foi mínima no presente estudo: apenas 2 sinais híbridos e 2 sinais zooextrínsecos. Resultado semelhante apontou Sousa (2023; 2024a, 2024b), quanto à influência do português na formação dos sinais próprios dos animais de surdos.

No presente artigo, como forma de contribuir com os estudos anteriores de Sousa (2023, 2024a), especialmente no que se refere à classificação taxonômica, propomos a criação de 2 novas categorias: Aspectos Híbridos (para os casos de sinais que agregam mais de um aspecto na composição semântico-motivacional) e Aspecto Opaco (para os casos de sinais que não têm a motivação semântica transparente, ou seja, não se consegue recuperar o aspecto motivacional do sinal).

Os estudos zoonímicos em Libras ainda são muito recentes. Com este trabalho, esperamos contribuir com a descrição do léxico onomásticos em Libras e despertar o interesse de outros pesquisadores para ampliar o corpus e estabelecer estudos comparativos com as nomeações de animais de estimação a partir de outras comunidades surdas do Brasil ou de outros países.

Para resultados mais abrangentes, o estudo poderá incluir dados de surdos de outras regiões do Brasil ou mesmo surdos de outras nacionalidades. Assim, poderemos observar como se dá a nomeação de animais de estimação a partir das características do léxico zoonímico em línguas de sinais numa amostra maior.

### Agradecimentos:

A pesquisa do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre, possui apoio financeiro Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (#301948/2022-4).

### Referências

- BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos sinais-nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018. DOI: <https://doi.org/10.47209/2594-4916.v.5.n.2.p.40-62>. Acesso em: 06 out. 2025.
- BAZAN, B. M. **Zoonímia histórico-comparativo bantu**: as designações dos canídeos e hienídeos. 225f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2015.
- CAMPOS, C. S. Características morfonêmicas, morfossintáticas e léxico-semânticas da zoonímia e da fitonímia em Maxakalí. **Revista de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 4, n.1, p. 89-118, 2012.
- CARDOSO, Z. A. Zoonímia e metassemia. **Revista Língua e Literatura**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 287-291, 1977. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/115826>. Acesso em: 06 out. 2025.
- CHAIBUE, K. **Onomástica em Libras de Formosa (GO)**. 2022. 500 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2022.
- DOUETTES, B. B. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais**: levantamento, catalogação e motivação linguística. 2023. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

FUSELLIER-SOUZA, I. Emergence and development of Signed Languages: from diachronic ontogenesis to diachronic phylogenesis. **Sign Language Studies**, v. 7, n. 1. Gallaudet University Press, p. 30-56, 2006.

GARRIDO, C. Análise de problemas e inadequações da zoonímia portuguesa utilizada na tradução de duas enciclopédias divulgadoras sobre fauna. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 63, p. 77-127, 2022. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/593/1060> Acesso em: 06 out. 2025.

GARRIDO, C. Análise do tratamento lexicográfico dos táxones zoológicos nos dicionários gerais de referência das línguas portuguesa e espanhola. **Revista de lexicografia**, Coruña, v. 18, p. 39-76, 2012. Disponível em: [https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/12131/RL\\_18\\_2012\\_art\\_3.pdf](https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/12131/RL_18_2012_art_3.pdf) Acesso em: 06 out. 2025.

HOMEM, N. B.; LUBWATU, M. J. Inventário zoonímico: abordagem na perspectiva sociocultural dos Ambundu. **NJINGA & SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco do Conde, BA, v. 2, n. 2, p. 95-109, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1056> Acesso em: 06 out. 2025.

KARPINSKI, M.; KRUPA, W.; GARBIEC, A.; WOJTAS, J. Zoonimia as a reflection of relationship between humans and animals. **Medcyna Weterynaryjna**, v. 76, n. 5, p. 1-5, 2020. DOI: 10.21521/mw.6395 Acesso em: 06 out. 2025.

LEIBRING, K. Animal names. In: HOUGH, C. (org.) **The Oxford Handbook of Names and Naming**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 662-675.

MARINS, M. J. S. **Estudo toponímico português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana (BA)**. 2024. 145 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MOREIRA, G. O. **Teonímia em Libras**: análise motivacional dos sinais que nomeiam os orixás do candomblé. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

NEETHLING, B. **Onomastics – A multidisciplinary field of study. What's in a name?** Lambert Academic Publishing: USA, 2017.

QUADROS, R, M.; SOUSA, A. M. Brazilian Sign Language Corpus: Acre Libras Inventory. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 805–828, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.2.805-828>. Acesso em: 06 out. 2025.

RECH, G. C. Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras: onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo. 2021. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

SOUZA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (org.) Perspectivas para o ensino de línguas 6. Rio Branco, EDUFAC, 2022, p. 6-20

SOUZA, A. M. **Toponímia em Libras**. 2019. 110 f. Relatório (Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUZA, A. M. **Zoonímia em Libras**: como os surdos nomeiam seus animais de estimação. Campinas, SP: Pontes, 2024a.

SOUZA, A. M. Zonomy in Brazilian Sign Language: a semantic-motivational analysis and taxonomic proposal to classify signs given to pets by the deaf. **Onoma Journal**, Uppsala, Sweden, n. 59, p. 215–238, 2024b. DOI: <https://doi.org/10.34158/ONOMA.59/2024/11>. Acesso em: 06 out. 2025.

SOUZA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7–22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Acesso em: 06 out. 2025.

SOUZA, K. M. **Registro, descrição e análise motivacional dos sinais de cidades do estado de Goiás**: a Toponímia em Libras numa interface com a Linguística de Corpus. 2023. 340 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

VENANCIO, A. A. **Onionímia em Libras**: os sinais em libras que nomeiam os estabelecimentos comerciais do Via Verde Shopping a relação entre o sinal e a logomarca. 2023. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

YUDASSHEV, M.; ANDANIYAZOVA, D. Linguopoetics of zoonims in the literary text. **Journal of Positive School Psychology**, Malásia, v. 6, n. 5, p. 5691-5699, 2022. Disponível em: <https://journalppw.com/index.php/jpsp/article/view/7702/5046>. Acesso em: 06 out. 2025.

Artigo recebido em: 18.09.2025

Artigo aprovado em: 07.10.2025